



A RELAÇÃO ENTRE O CONTEXTO E O PLANO DE EXPRESSÃO NO RECONHECIMENTO DO SINAL “MULHER” (LIBRAS) COMO ICÔNICO OU CONVENCIONAL/ARBITRÁRIO

Adriana Aparecida de Oliveira

UFMG/FALE, adrianalettras75@gmail.com

Resumo: Em Libras, uma grande parte dos sinais foi criada com base na similaridade com o objeto, permitindo seu reconhecimento através do sinal. Como passar do tempo, alguns sinais se tornaram convencionais devido ao aspecto diacrônico da língua. O sinal “MULHER” é marcado como convencional por estudantes de Libras ao considerar, num primeiro momento, apenas o plano de expressão. Ao ter acesso ao contexto motivador do sinal, os estudantes remarcam o sinal como icônico. Dessa forma, a proposta é analisar essa mudança tendo como parâmetro teórico a relação entre o contexto e o plano de expressão.

Palavras-chave: Libras, Semiótica, Plano de Expressão, Contexto, Icônico, Convencional.

1. Introdução

As línguas de sinais possuem um plano de expressão que não é sonoro, mas sim visual, e, geralmente, são consideradas icônicas, pois a relação entre a “forma” e o “sentido” é mais visível devido a sua modalidade visuo espacial.

Na Língua Brasileira de Sinais (Libras), uma grande parte dos sinais foi criada com base na similaridade, permitindo o reconhecimento do objeto através do sinal. Como passar do tempo, alguns desses sinais se tornaram convencionais- perderam a capacidade de reconhecimento do objeto sem deixar de representá-lo- devido ao aspecto diacrônico da língua.



Percebe-se, através de observação, que o sinal “MULHER” (Libras) é marcado como arbitrário ou convencional por interpretantes, considerando apenas o plano de expressão. Sendo assim, a admissão de um contexto situacional à imagem que originalmente constituiu esse sinal como icônico promove uma mudança de percepção do sinal.

É objetivo deste trabalho é analisar e refletir a relação entre o contexto e o plano de expressão no reconhecimento do sinal “MULHER” (Libras) como icônico ou convencional/arbitrário e apresentar os resultados.

2. Fundamentação Teórica e Desenvolvimento

A Semiótica francesa (Greimas, Hjelmslev) aponta o conceito de texto como objeto de significação e prioriza o estudo dos elementos que compõem o texto e lhe conferem sentido. Propõe, dessa maneira, que o conteúdo pode ser analisado separadamente da expressão, visto que o mesmo conteúdo pode ser veiculado por diferentes planos de expressão. HJELMSLEV considera a língua como texto infinito, uma rede de funções semióticas. Cada função semiótica é associada a dois “funtivos”, ou seja, dois argumentos que a função coloca em relação: a forma do conteúdo (o que o texto diz) e a forma da expressão (o modo ou através de que código verbal, icônico, gestual etc.).

Entendendo que o plano de expressão constitui a materialidade do texto, podemos dizer que nas Línguas de Sinais o código de expressão do signo é o visual. Por causa de sua modalidade gesto-visual, segundo FERREIRA-BRITO (1993), as línguas de sinais favorecem a representação icônica dos objetos do mundo real. Para QUADROS e KARNOPP (2004), “a iconicidade da Língua de Sinais está na sua capacidade de reproduzir a forma dos objetos, seus movimentos e relação espacial, o que o torna transparente e permite a motivação entre o signo e o



objeto”.Deste modo,a iconicidade está relacionada “com o quanto um significado é visível a uma pessoa que nunca viu e não possui familiaridade com determinado sinal ou símbolo” (CAPOVILLA;RAPHAEL 2005).

Sabendo que o plano de expressão em nível visual favorece a percepção da iconicidade ou arbitrariedade dos sinais das línguas gestuais, inferimos que um indivíduo diante de algum sinal pode perceber a semelhança imediata do plano de expressão com o significado que ele representa e interpretá-lo como um sinal icônico. Segundo SILVA (2009), a forma dos objetos ou movimentos que motivaram um sinal pode variar no tempo, assim, algum sinal que poderia ser considerado icônico em sua origem pode, atualmente, não ter sua iconicidade reconhecida. Um exemplo é o sinal “Mulher” em Libras, que era originalmente considerado icônico, pois fazia referência ao chapéu comumente usado pelas mulheres da época. No entanto, sua representação tornou-se uma convenção, o que fez com que o sinal passasse a ser considerado arbitrário e de valor simbólico.

A hipótese inicial deste trabalho é que o sinal “mulher”, ao ser introduzido para um grupo, não desperta nesses interpretantes o reconhecimento do objeto, então o avaliam como um sinal arbitrário. Mas ao ter acesso ao contexto situacional-que segundo BARROS (1988) é aquele que estabelece espacial e temporalmente o texto- haveria uma reavaliação marcando o sinal como icônico. Apesar de o Plano de Expressão do sinal “Mulher” permanecer o mesmo, o contexto situacional mudaria a forma como este é visto.

3. Metodologia e Análise dos dados

Para obtenção de dados, foi elaborado um questionário no qual um grupo de alunos respondeu após a visualização de quatro sinais em Libras (Casa/Mulher/Peixe/Feio): “Qual sua percepção sobre os sinais apresentados? São icônicos ou convencionais /arbitrários?”.



Os mesmos sinais foram novamente apresentados seguidos da apresentação oral do contexto situacional, ou seja, a explicação do que motivou, originalmente, a criação de cada sinal. Foi dada a oportunidade aos alunos de mudarem suas respostas, e caso mudassem de percepção, que justificassem a mudança.

Sinal “Mulher” (Libras)	Figura utilizada na inserção do contexto	Contexto situacional
 <p>(http://www.dicionariolibras.com.br)</p>	 <p>(https://historiamodaesociedade.wordpress.com/)</p>	<p>Em sua origem, esse sinal era realizado com ambas as mãos postas próximas à cabeça, numa imitação de amarrar o chapéu (que era usado pelas mulheres da época). Nos dias de hoje, esse sinal preserva apenas o trajeto, passando o polegar na bochecha.</p>

Tendo como base apenas o Plano de Expressão, todos os alunos marcaram o sinal “MULHER” como arbitrário. Após a apresentação do contexto (a história da origem e motivação do sinal), 70%do grupo remarcou o sinal como icônico, como apresenta o quadro a seguir:

Aluno	Manteve sinal como arbitrário	Remarcou sinal como icônico	Justificativa
1		X	“mudei por causa da motivação do sinal”
2		X	“porque eu lembrei do chapéu”
3		X	-não justificou_
4		X	”não conhecia antes o motivo, agora consigo perceber como que se parece”
5		X	“ao conheceu história do sinal, mudei de ideia”
6	X		X
7		X	”a explicação me fez ver o sinal de maneira diferente”
8	X		X
9	X		X
10		X	“depois da explicação você passa a olhar com outros olhos,a entender diferente as coisas”



4. Conclusão

A análise dos dados corrobora com a hipótese inicial de que a inserção do contexto motivacional do sinal “Mulher” pode mudar a percepção do plano de expressão do sinal de arbitrário para icônico.

A marcação de iconicidade depende do reconhecimento de semelhança do sinal com seu referente, porém sem o contexto situacional não houve este reconhecimento e os alunos marcaram o sinal “MULHER” como arbitrário. A incorporação do contexto situacional motivador do sinal “MULHER” apontou a semelhança que permitiu aos alunos perceber a iconicidade presente no plano de expressão do sinal e remarcá-lo como icônico.

Percebe-se que a inserção do contexto situacional ao sinal “Mulher” estabeleceu uma ruptura com a perspectiva anterior, possibilitando a entrada de uma nova perspectiva. Ao agregar a história motivadora ao sinal, o texto foi “aumentado” e novos sentidos foram gerados, levando os interpretantes a reconhecerem o sinal “Mulher” como icônico.

Estudar Libras como língua é uma questão de extrema importância e vale ser ressaltada neste artigo. Há uma tendência em considerar as línguas de sinais como mímica ou representação gestual de línguas orais e em desconsiderá-las por causa de sua iconicidade. Como visto neste artigo, a iconicidade pode passar, ao longo do tempo, por variações linguísticas como acontece com qualquer língua natural, favorecendo o desaparecimento da motivação e a convencionalização do sinal.

É importante legitimar as línguas de sinais como línguas naturais, principalmente Libras, que é a língua natural da comunidade surda brasileira. Reconhecer que esta



língua é complexa, autônoma e independente de qualquer língua oral é um meio de preservar, valorizar e autenticar a cultura surda.

5. Referências Bibliográficas

BARROS, D. L.P. **Teoriado discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Atual, 1988. (Série Lendo).

CAPOVILLA, F.C.;RAPHAEL, W.D.**Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira:o mundo do surdo em Libras- Palavras de função gramatical.v.8**. São Paulo: (Fundação) Vitae,Fapesp:CAPES:EDUSP,2005.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro:Babel Editora,1993.

GREIMAS, A.J. COURTÉS, J.**Dicionário de semiótica**.São Paulo:Contexto, 2008.

HJELMSLEV. L.**Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução: J.Teixeira Coelho Netto.SP:Perspectiva,1975.

LARA, Gláucia Muniz Proença, MATTE, Ana Cristina Fricke. **Ensaio de Semiótica: aprendendo com o texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B.**Língua de sinais brasileira:estudos linguísticos**.Porto Alegre:Artmed,2004.

SILVA, G. L. deA.**Mãos cheias de palavras num corpo que fala:o discurso figurativo do sujeito surdo**.2009.(Mestrado em Educação)-Universidade Federal do Espírito Santo,Vitória,2009.

<http://www.dicionariolibras.com.br>– Acesso em 26/09/017.

<https://historiamodaesociedade.wordpress.com/>- Acesso em 26/09/017.